

Governo admite 'freio', mas não para já

Secretário de Política Econômica prevê final de ano tranquilo, com crescimento moderado

MÁRCIA DE CHIARA

O secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, disse ontem em São Paulo, que não descartar a possibilidade de por o pé no freio da economia. "A questão da política monetário é um instrumento que o governo tem à disposição, já usou no passado e poderá vir a usar no futuro, se necessário for."

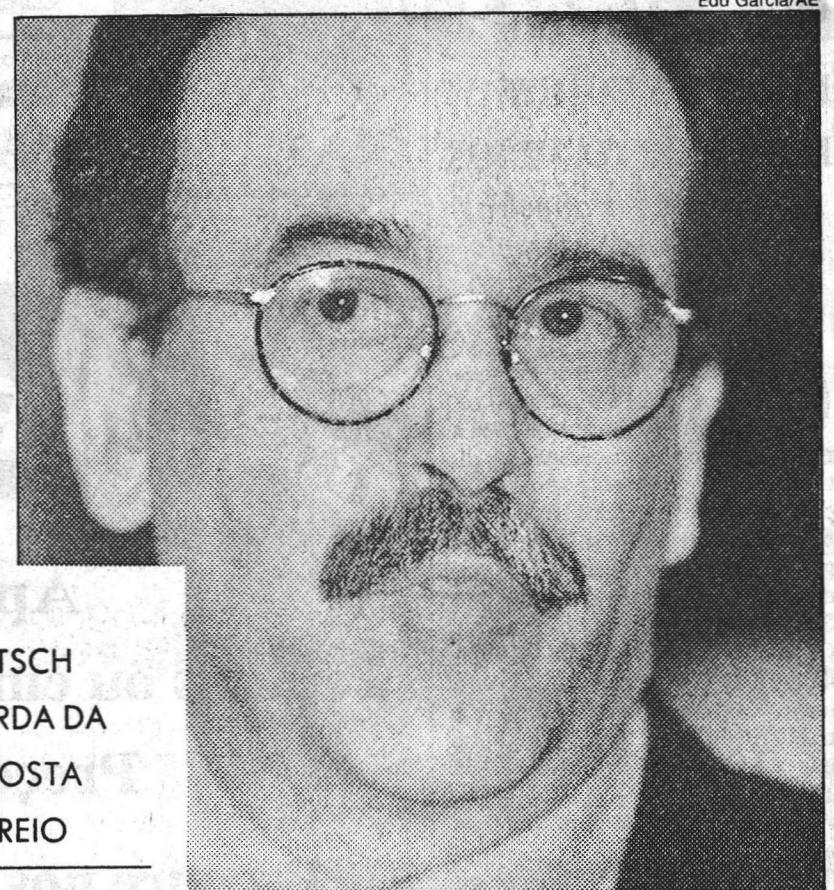
Por enquanto, disse, o governo tem a convicção de que o sistema produtivo tem capacidade de resposta. Do ponto de vista da atividade econômica, o final de ano será muito tranquilo, sem nenhum excesso, afirmou. "O PIB vai crescer 3% este ano, que é melhor do que os dois e pouco previstos em agosto, mas não é excessivo."

Segundo Mendonça de Barros, o governo está tentando ampliar as exportações porque esse é o caminho para resolver o déficit externo.

Para o ex-secretário de Política Econômica Winston Fritsch, que participou ontem do 3º Encontro Anual da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), não é necessário hoje frear a economia como disse o ex-presidente do Banco Central Pérsio Arida, em entrevista ao *Estado* domingo.

"O déficit na balança de pagamentos e na balança comercial não é problema que exija mudanças radicais na política macroeconômica de curto prazo", afirmou.

Já o presidente da Sobeet, Renato Baumann, defende a desaceleração da importações em alguns segmentos, combinada com desvalorização cambial para favorecer exportações.



Edu Garcia/AE

FRITSCH
DISCORDA DA
PROPOSTA
DE FREIO

Mendonça de Barros: política monetária será usada se for necessário